

As margens tranqüilas do
Ipiranga ouviram o vibrante grito
de um povo heróico

AxXx marGeNxXx
TranQUILaxXx Du
iplraNGah OVIRAM
U VibRAnTI gRITU
DI 1 pOVU herolcU



Ouviram do Ipiranga
as margens plácidas
de um povo heróico
o brado retumbante



As berada sossegada do Ipiranga
ouviram o vibrante berro de um povo

A língua é viva

Compreender as mudanças na fala e na escrita, ocorridas naturalmente ou por causa de leis, é sentir de perto o idioma em movimento

AMANDA POLATO apolato@abril.com.br

A linguagem começa com um sopro. O ar que vem dos pulmões é modelado por inúmeras possibilidades de abertura da boca e movimento dos lábios e da língua. Sob, desce, entorta, recolhe. A cada mexida são formadas vogais, consoantes, sílabas, palavras. Se você tivesse nascido e crescido isolado de outros seres humanos, provavelmente emitiria apenas gemidos. Apesar de ninguém saber exatamente quando surgiram os idiomas, há algumas certezas: a língua é viva, acompanha um povo ao longo dos tempos, expressando uma maneira de organizar o mundo em nomes e estruturas lingüísticas, mudando e reinventando-se com as pessoas.

As transformações acontecem nas ruas e nos prédios de grandes instituições, na linguagem dos sermões, das palestras, dos discursos de políticos e advogados (com seus vocabulários tão particulares). As mu-

danças também ocorrem na escrita, seja aquela feita com a ponta do lápis, na máquina de escrever ou no computador. Das poesias aos documentos, nada permanece igual por muito tempo. Existem as alterações que vêm naturalmente e ainda as que são determinadas por lei, como é o caso do Acordo de Unificação Ortográfica, elaborado em 1990 e recentemente ratificado pelo Brasil, que pretende aproximar as maneiras de escrever de todos os países que têm o Português como idioma oficial (*leia o quadro na página 55*).

A fala e a escrita

Geralmente, a maneira de falar se renova mais rápido do que o modo como se escreve, já que este requer a padronização para ser compreendido por mais gente durante mais tempo. Alice Saboia, professora de pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Fe-

deral de Mato Grosso (UFMT), explica que isso se dá porque a oralidade precede a escrita e é muito mais utilizada.

De todos os jeitos de se expressar oralmente e de registrar os termos que pipocam diariamente, só alguns são incorporados aos dicionários e se tornam eternos (enquanto durarem). Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) e um dos maiores gramáticos do país, Evanildo Bechara esclarece que um vocábulo entra no dicionário quando é usado amplamente e quando escritores ou certos profissionais sentem a necessidade de incluí-lo.

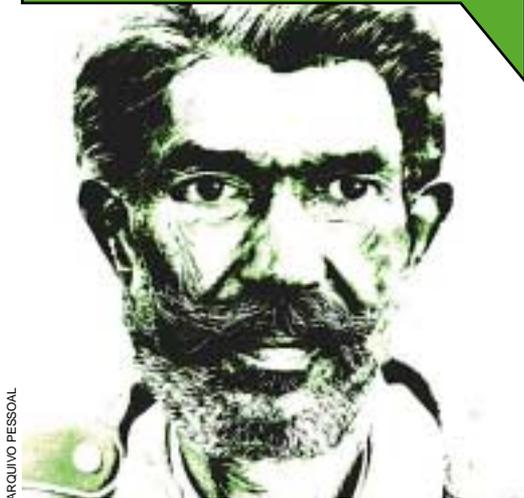
Calcula-se que existam mais de 300 mil palavras na Língua Portuguesa, mas o *Aurélio* traz 160 mil verbetes, e o *Houaiss*, 228 mil. No dia-a-dia, porém, utilizam-se de 1,5 mil a 3 mil deles. A expectativa é que um aluno de 1ª a 4ª série conheça pelo menos mil. ▶

Entender as mudanças da língua ajuda a...

- ▶ Combater o preconceito.
- ▶ Conhecer as diferenças entre as modalidades oral e escrita.
- ▶ Adequar o uso das variantes lingüísticas de acordo com o contexto.

A língua faz um recorte do real e define, em palavras, os contornos do que vemos. Mário Perini, no livro *A Língua do Brasil Amanhã e Outros Mistérios*, cita a forma como diferentes idiomas categorizam

E, afora este mudar-se
cada dia, outra
mudança faz de maior
espanto, que não se
muda já como **Soía**.



Trecho do soneto "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades", de Luis Vaz de Camões (1524-1580)

as cores. Segundo ele, enquanto os portugueses dividem o espectro solar em seis cores – azul, amarelo, verde, vermelho, laranja e roxo –, os galeses (povo que habita o País de Gales, na Europa) usam apenas duas: *gwyrdd*, correspondente ao roxo, azul e verde, e *glas*, para definir as cores quentes (do vermelho ao laranja). "Eles percebem todos os matizes, mas criaram apenas duas categorias", escreve Perini.

Por que muda?

"Mudanças são inevitáveis", afirma Marcos Bagno, escritor e professor de Linguística na Universidade de Brasília. A Língua Portuguesa deste texto que você lê, é a usada no Brasil, no século 21, em 2007, bem diferente do Português falado na década de 1940 e em épocas anteriores. No latim do Império Romano, mal se reconhece o tronco que deu origem ao nosso idioma (*leia mais sobre as transformações no rodapé desta reportagem*). Lá, *solitate* significava solidão. As derivações *soidade* e *suidade* aparecem em cantigas portuguesas do século 13 para expressar sentimentos relacionados à ausência da pessoa amada. Só no século 15, saudade foi incorporada à "última flor do Lácio".

Bagno aponta os diferentes agentes de mudança. Um deles é o cognitivo, que diz respeito ao modo como se processa a linguagem no cérebro. Ao usar a analogia, altera-se uma palavra para adaptá-la a um modelo preexistente (por exemplo: friorento tem "or" por analogia com calorento). Na metaforização, há a transposição de sentido. Depois de um dia de trabalho, quando um falante diz "estou quebrado!", ele não quer dizer que está em vários pedacinhos. Ocorre aí um exemplo de derivação do sentido original concreto para um conceito abstrato. Esses são alguns exemplos de fenômenos cognitivos. "Submetemos a fala a diversos processos mentais intuitivos e inconscientes, fazendo novas inferências", explica o pesquisador.

A esses processos se juntam os fenômenos de ordem social e cultural. Modificam-se as formas de viver, as manifestações culturais e as organizações política e econômica da sociedade. Além disso, os povos se deslocam, se influenciam e se distanciam em vários aspectos. "A maneira como falamos hoje é muito mais próxima da falada no século 15 pelos portugueses do que a utilizada hoje em Portugal", conta Ataliba Teixeira de Castilho, lin-

LINHA DO TEMPO

História da Língua Portuguesa no Brasil

- 1500**
 Os cerca de 5 milhões de indígenas (estimativa), que habitam as terras ocidentais da América do Sul na época da chegada dos portugueses, falam mais de mil línguas, com dois grandes grupos principais: jê (no Brasil Central) e tupi-guarani (no litoral).
- 1530**
 Com a criação das vilas de São Vicente (1532) e Salvador (1549), se dá a entrada oficial do Português no território. Os colonizadores adotam os idiomas indígenas. Mas depois surgem as línguas gerais – próximas às dos índios –, faladas pelos filhos de portugueses e nativas.
- 1538**
 Os africanos escravizados trazem sua cultura (a banto e a sudanesa são as principais), também influenciando o Português. Do banto vêm línguas como o quicongo e o quimbundo. Palavras como bagunça, moleque e caçula são desse grupo e que falamos até hoje.
- 1580**
 A língua geral paulista, de base tupi, é registrada por expedicionários. Os jesuítas e os bandeirantes são responsáveis por difundir-la. Para dizer gafanhotos verdes, fala-se *tucuriuri* e, para esbofetear, *eipumpa n sovã*. Ela desaparecerá no século 18.

Fonte Museu da Língua Portuguesa

güista da Universidade de São Paulo (USP) e um dos consultores na criação do Museu de Língua Portuguesa, em São Paulo. “Era uma linguagem assisada, como se dizia ‘ajuizada’ na época, de fala devagar. Atualmente os portugueses mal pronunciam as vogais átonas.”

Diferenças no espaço

Há também uma série de palavras e construções usadas no Brasil e que, muitas vezes, se consideram erradas e caipiras, mas são exemplos da linguagem mais “correta” do passado. Castilho diz que construções recentemente ouvidas em Cuiabá, como “filha meu não casa”, eram utilizadas pelos colonizadores. E quando alguém diz “frecha” e “ingrês” (no lugar de flecha e inglês), acredite, está roçando na língua de Camões!

Ouvir algo que soa estranho é comum em um país com tantas diferenças. Ao falar sobre transformações na linguagem, Maria José de Nóbrega, formadora de professores e elaboradora dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 5ª a 8ª série, resume: “As línguas não mudam apenas no tempo, mas também variam no espaço”. Ao estudar variações de origem socioeconômica, gênero, faixa etária, ní-

vel de escolaridade e região, é possível perceber esse dinamismo.

Cada grupo social é capaz de modificar o falar e o escrever, mas em geral, a população mais jovem é disparadora das mudanças. Maria José afirma que faz parte do papel da juventude se diferenciar, romper padrões e testar novidades. Professor de 8ª série da Escola Internacional de Alphaville, em Barueri, na Grande São Paulo, José Eduardo Sena se surpreende com as gírias que os alunos trazem do universo da informática: “Na sala de aula, temos o privilégio de ouvir inovações linguísticas em primeira mão”.

Até regras sintáticas sofrem alterações. É comum ouvir frases em forma de tópicos e não mais organizadas no padrão sujeito e predicado. Começa-se a frase com um assunto e depois passa-se para a ação – “A casa, roubaram os portões dela” é uma fala que já chamou a atenção dos especialistas, mas ainda não chegou às gramáticas.

Esse caso comprova a ideia de que o Português não padrão – aquele utilizado informalmente – tem suas próprias lógica e regras internas. Só não estão registradas. Luiz Carlos Cagliari, especialista em história da ortografia da Língua Por-

tuguesa da Universidade Estadual Paulista (Unesp), afirma que todos os dialetos e variantes linguísticas podem ser sistematizados e que, portanto a gramática tradicional é apenas o ordenamento de uma delas: o da língua-padrão. ▶

vc jah imaginoW
te d encarah 1 textU
escritu tdo aXim?
Mas naum eh
taum dificil! ;-)



Tradução: “Já imaginou ter de encarar um texto escrito todo assim? Mas não é tão difícil”

1700

Surge a língua geral amazônica, ou nheengatu, de base tupinambá. Algumas palavras: tapioca, açai, tipóia. Ela ainda é falada por 8 mil brasileiros. Nasce o dialeto de Minas, mistura do Português com a evé-fo, falada por negros originários da região da Costa da Mina, na África.

1759

Os jesuítas, que conheciam o tupi e ensinavam as línguas gerais aos índios, são expulsos. O marquês de Pombal promulga uma lei para impor o uso do Português. No entanto, as três línguas (tupi, africanas e Português) coexistem por muito tempo no território.

1808

A chegada da família real portuguesa marca a difusão da língua, com a criação da Biblioteca Real e das escolas de Direito e Medicina. O fim da proibição da existência de gráficas possibilita o surgimento de jornais e revistas e a massificação de uma maneira de falar.

1850

Com a chegada de imigrantes e o início da urbanização, há a intensa assimilação do Português popular pelo culto e a incorporação de estrangeirismos. Em vez de “tu és”, fala-se “você é” e “nós fizemos” divide espaço com “a gente fez”.

Na cabeça dos jovens

O exemplo mais recente de todo esse dinamismo está na escrita cifrada usada na internet, que pode (e deve) ser discutida em sala de aula

Se é que um não se assuste: saia todo-o-mundo a empinar vocábulos seus, e aonde é que se vai dar com a língua tida e herdada?



ARQUIVO PESSOAL

Trecho do livro *Tutaméia – Terceiras Estórias*, do escritor mineiro João Guimarães Rosa

e usada em proveito da aprendizagem. O uso criativo da linguagem da comunicação via computador é uma novidade. Abreviações eram feitas desde a época do latim, mas nunca houve nada com a inventividade do internetês. “Trata-se de uma escrita praticamente instantânea, algo inédito”, comenta Ataliba de Castilho, da USP. Cagliari desmistifica a idéia de que essa variação seja fonética. “Toda escrita tem como objetivo permitir a leitura e não transcrever a fala”, diz.

“Muitos professores se alarmam e acham que o fim da língua está próximo”, declara Dileta Delmanto, formadora de professores e autora de livros. Outros, no entanto, procuram se adaptar à novidade. Janaína Batista de Lima, do Colégio Abgar Renault, de Belo Horizonte, está nesse grupo. Quando viu, nas provas da turma da 5ª série, palavras escritas de forma diferente, como vc, eh e naum (no lugar de você, é e não), não entendeu nada. “Eu não sabia nem de onde vinham as letras agrupadas daquela maneira. Só quando utilizei a internet compreendi essa linguagem.”

Os especialistas acreditam que não há problema em discutir o uso desses termos na escola desde que os estudantes reflitam sobre eles e

saibam que o local para praticar a nova criação é exclusivamente na internet. Uma dica: esteja sempre aberto às inovações trazidas pelos estudantes sem considerar a escrita errada nem alimentar preconceitos lingüísticos.

Idelbrando Mota de Almeida, professor de Ensino Fundamental e Médio no Colégio Estadual Olavo Alves Pinto, em Retirolândia, na Bahia, explica aos alunos o porquê do uso daquela linguagem e conversa com eles por chats ou sites de relacionamento, como o Orkut, mas não abre mão de escrever de acordo com a norma-padrão.

Já Ana Maria Nasser Furtado, da 8ª série do Colégio Humboldt, em São Paulo, aderiu ao internetês. Ela realiza debates com a garotada sobre o assunto e alguns acham esquisito que ela escreva como eles. “Sei que é uma questão de identidade para os jovens”, conta, lembrando-se dos pais que reclamam por não entender o que os filhos digitam. Na verdade, é essa a intenção! O conflito não se dá só entre pais e filhos, mas entre os próprios jovens. “Quem tem 15 anos se comunica de forma diferente dos irmãos mais novos”, relata Ana. E, com as gerações, muda a língua, que não pára de se recriar. 

LINHA DO TEMPO

História da Língua Portuguesa no Brasil

1922

A Semana de Arte Moderna leva o Português informal para as artes. Ao mesmo tempo, os migrantes vão para a cidade e o rádio e as novidades urbanas chegam até o campo. Assim, as variedades lingüísticas passam a se influenciar mutuamente.

1950

Com o advento da TV, o americanismo chega ao Brasil e, com ele, novos termos. A criatividade na fala e nas manifestações artísticas movimentam o mundo das palavras. Expressões populares ganham a boca de todos, como “acabar em pizza” e “jogar a toalha”.

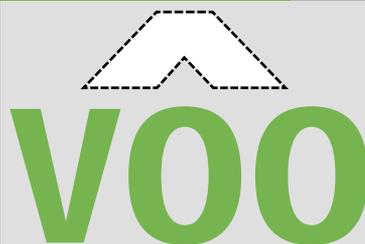
1980

A Constituição de 1988 garante o direito de índios e negros residentes de antigos quilombos (local onde viviam escravos fugidos) preservarem seu idioma. Atualmente mais de 220 povos indígenas falam cerca de 180 línguas no território brasileiro.

1990

A entrada da TV em mais de 90% dos lares acaba com o isolamento lingüístico, mas as comunidade reagem às influências, absorvendo, adaptando ou rejeitando-as, mas sempre mantendo sua identidade. Surgem leis contra o analfabetismo. Nasce o internetês.

O QUE PODE MUDAR



VOO

ACENTO CIRCUNFLEXO

Não será usado no primeiro “o” do hiato em palavras como enjoo(s) e voo(s), além das formas verbais creem, leem, deem, veem e seus derivados (por exemplo, releem).

+ kwy

super regra

HÍFEN

Não se empregará quando o segundo elemento começar com “s” ou “r” (contrarregra, minissaia). Exceção: com os prefixos “inter”, “hiper” e “super”.



ü

TREMA

Não se usará mais.



é

ACENTO AGUDO EM VOGAIS TÔNICAS

Não ocorrerá em:

- ditongos abertos “ei” e “oi” de palavras paroxítonas: assembleia, heroica, jiboia, ideia.
- “i” e “u” de palavras paroxítonas, quando precedidas de ditongo: feiura, baiuca, baiuno.
- “u” tônico das formas dos verbos arguir e redarguir.

ALFABETO

Terá 26 letras, com a inclusão de k, w e y.

Países ensaiam unificação ortográfica

Em 1990, sete dos oito países que têm a Língua Portuguesa como oficial assinaram um acordo para unificar a ortografia. São eles: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Em 2004, foi a vez de Timor-Leste. As mudanças não significam a uniformização da Língua Portuguesa porque a pronúncia, o vocabulário e a sintaxe permanecem como estão. O que muda é apenas a forma de escrever algumas palavras (veja as alterações acima).

A reforma vem sendo discutida há mais de duas décadas. A decisão sobre o que mudar foi tomada em conjunto pela Academia Brasileira de Letras, a Academia das Ciências de Lisboa e representantes dos países africanos. Evanildo Bechara, da ABL, explica que os critérios para as novas regras não são científicos, já que quando se fala de ortografia pensa-se numa convenção que determinado povo adota para se comunicar pela escrita, que não precisa ser a tradução fiel da fala. “A ortografia é, na medida do possível, a combinação entre a etimologia e a pronúncia.”

Depois de assinado o acordo, houve um protocolo modificativo em 2004, indicando que a unificação entraria em vigor com a ratificação de três países, o que já aconteceu no Brasil, em Cabo Verde e em São Tomé e Príncipe. Tecnicamente, a reforma está em vigor desde 1º de janeiro de 2007.

Porém não há previsão de quando o acordo será oficializado no Brasil. O Ministério da Educação (MEC) sinalizou para 2009, mas ainda há negociações com as editoras de livros didáticos para definir o período de transição. Um argumento que dificulta a implantação é o fato de Portugal ainda não ter estipulado uma data para a ratificação. O embaixador representante do Brasil na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), Lauro Moreira, diz que, “se os portugueses não fizerem valer o acordo, teremos apenas uma reforma interna no Brasil, o que é indesejável”. A ministra da Cultura de Portugal, Isabel Pires de Lima, escreveu um artigo no *Jornal de Poesia* afirmando que lá isso deve acontecer sim... mas nos próximos dez anos!

Um dos grandes argumentos de defesa do acordo ortográfico refere-se ao aspecto geopolítico. “Queremos preservar a diversidade do idioma, mas pretendemos fortalecê-lo no âmbito mundial”, justifica Luís Fonseca, secretário-geral da CPLP. “Um idioma com uma única escrita pode ser divulgado com mais rapidez, facilitando o intercâmbio cultural.”

Os impactos das modificações são difíceis de avaliar. No século passado, houve duas reformas: uma em 1943 e outra em 1971. A professora Alice Saboia, da UFMT, lembra que, depois da segunda, parte dos professores não sabia o que fazer. “Após vários anos da eliminação do acento distintivo de timbre aberto e fechado das palavras paroxítonas, os estudantes ainda achavam que nenhum acento precisava ser usado!” Carlos Alberto Xavier, assessor especial do MEC, diz que, na época da oficialização do acordo, os professores serão orientados sobre as regras. “Por no mínimo dois anos as duas ortografias coexistirão e ambas serão consideradas corretas.”

QUER SABER + ?

BIBLIOGRAFIA

- ▶ **A Língua de Eulália**, Marcos Bagno, 216 págs., Ed. Contexto, tel. (11) 3832-5838, 33 reais
- ▶ **A Língua do Brasil Amanhã e Outros Mistérios**, Mário A. Perini, 176 págs., Ed. Parábola, tel. (11) 6914-4932, 15 reais
- ▶ **A Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na Sala de Aula**, Stella Maris Bortoni Ricardo, 112 págs., Ed. Parábola, 18 reais
- ▶ **A Língua Falada no Ensino de Português**, Ataliba Teixeira de Castilho, 160 págs., Ed. Contexto, 25 reais.
- ▶ **História da Língua Portuguesa**, Paul Teyssier, 148 págs., Ed. Martins Fontes, tel. (11) 3266-4603, 31,50 reais
- ▶ **Origens do Português Brasileiro**, Anthony Julius Naro e Maria Marta Pereira Scherre, 208 págs., Ed. Parábola, 30 reais